

Ecologias da Sensibilidade, ou a função crítica da arte diante da crise climática

Ecologies of Sensitivity, or the critical role of art in the climate crisis

SANDRA REY

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil

RESUMO

A contemporaneidade tem sido marcada por desafios complexos que demandam análises interdisciplinares e respostas políticas, sociais, econômicas e científicas robustas. No cerne da crise climática a arte emerge como campo crítico de investigação por sua potência em agenciar subjetividades e sensibilizar sobre problemas ambientais e sociais. Buscando contribuir para ampliar os debates sobre o que pode a arte face as incertezas colocadas por problemas ambientais e sociais, esse estudo articula ideias, conceitos e pesquisas de três pensadores — Guattari, Humboldt e Descola —, tecendo os fragmentos de uma revisão teórica que delineia perspectivas para pensar, agir e produzir diante das crises do mundo contemporâneo marcado por problemas climáticos sem precedentes, e rupturas socioambientais, sinalizando a urgência de se repensar paradigmas civilizatórios.

PALAVRAS-CHAVE

Ecosofia, crise climática, arte, natureza, cultura.

ABSTRACT

Contemporary times have been marked by complex challenges that demand interdisciplinary analysis and robust political, social, economic, and scientific responses. At the heart of the climate crisis, art has emerged as a critical field of research due to its power to stir up subjectivities and raise awareness of environmental and social problems. In an effort to expand the debate on what art can do in the face of the uncertainties posed by environmental and social problems, this study articulates the ideas, concepts and research of three researchers - Guattari, Humboldt and Descola - weaving together the fragments of a theoretical review that outlines perspectives for thinking, acting and producing in the face of the crises of the contemporary world marked by unprecedented climate problems and socio-environmental ruptures, pointing to the urgency of rethinking civilizational paradigms.

KEYWORDS

Ecosophy, climate crisis, art, nature, culture.

1. Introdução

Diante dos problemas climáticos, sociais e geopolíticos que marcam a contemporaneidade, a produção visual se vê desafiada a transcender sua função estética para assumir um papel crítico e transformador, promovendo a sensibilização, instigando reflexões, e engajando-se ativamente na conscientização sobre a crise climática. A liberdade inerente aos processos artísticos favorece meios para abordar a realidade a partir de uma outra condição e nível do ser, daí ser um campo fértil para

questionar e reimaginar as relações entre humanos e não humanos, todos habitantes dessa fina camada que envolve o globo terrestre, a biosfera¹ do planeta.

Segundo Vernadsky, cientista russo que cunhou o termo, cito:

A biosfera é a única área da crosta terrestre ocupada por vida. Somente nela, o fino estrato externo do nosso planeta, está concentrada a vida, ali se encontram todos os organismos, sempre separados da matéria inerte que os rodeia por uma borda nítida e intransponível. Um organismo vivo nunca tem origem nela. Quando vive, morre e se deteriora, ele dá seus átomos à biosfera e os retira dela, ininterruptamente, mas a matéria viva abarcada pela vida sempre tem origem no que é vivo (Vernadsky, 2019, p.37).

O presente texto propõe uma reflexão crítica que se ancora em três eixos fundamentais: o conceito de ecosofia de Félix Guattari, as contribuições pioneiras de Alexander von Humboldt sobre interdependência ambiental no século XVIII e as proposições antropológicas de Philippe Descola em *Outras naturezas, outras culturas*. (2016). Juntos, esses referenciais não apenas iluminam caminhos para descolonizar práticas estéticas ocidentais, mas também estimulam o imaginário sobre como a produção artística pode atuar como dispositivo ético e político diante do colapso socioambiental que vemos se manifestar e agravar dia a dia.

A tríade ecológica proposta por Guattari — ambiental, social e mental — elaborada em *As Três Ecologias* (1989), oferece um modelo radical para entender que a degradação ambiental é inseparável de crises subjetivas e sociais. Ao aplicar essa lente à arte contemporânea, podemos revisitar obras que não apenas denunciam danos ecológicos, como percebemos no legado de Frans Krajcberg² mas também reinventam modos de existência coletiva como nas instalações imersivas de Tomás Saraceno³.

Ao entrelaçar o pensamento desses três autores não é objetivo desse artigo mapear tendências estéticas recentes, mas reposicionar o papel da produção da arte como agente de reflexão e transformação diante das crises ambientais e culturais do século XXI. Assim, as referências abordadas não são apenas suportes analíticos: elas constituem um tecido vivo de ideias que convida o leitor a experimentar outras lógicas de percepção e coexistência.

¹ A biosfera foi descrita há quase cem anos (1926) pelo cientista russo Vladimir Vernadsky (1863-1945) e inspirou outros conceitos na perspectiva de uma ecologia planetária como Gaia, noosfera ou Antropoceno.

² <https://bit.ly/4b1c8Kh>

³ <https://bit.ly/415IJKs>

A partir da tripla dimensão ecológica — ambiental, social e mental — ao vincular degradação do meio ambiente à precarização das subjetividades e das estruturas coletivas, Guattari defende uma transformação radical nas formas de organização social, política e cultural para enfrentar os desafios ecológicos, enfatizando a importância de ações locais e individuais (micropolíticas) para promover mudanças nesses três registros ecológicos. Ele argumenta contra atitudes puramente tecnocráticas ou científicas para enfrentar os problemas ecológicos, defendendo uma visão mais holística e ético-estética, destacando o papel da criatividade, e de novas práticas estéticas na promoção de mudanças ecosóficas. Essa abordagem de recusa às simplificações tecnocráticas convida a criação de “ecossistemas ético-estéticos”, onde a produção opera como catalisadora de transformações simultaneamente, tanto materiais quanto imaginárias. O texto sugere que a arte pode oferecer um espaço de cura simbólica, capaz de tecer novas narrativas sobre coexistência.

Já o legado de Alexander von Humboldt oferece um contraponto histórico essencial: suas expedições pela América Latina nos inícios do século XVIII revelaram conexões entre desmatamento, alterações climáticas e vulnerabilidade social como, por exemplo, em seu estudo sobre o lago Valencia na Venezuela no qual demonstrou que a intervenção humana no ambiente gera efeitos em cascatas antecipando os debates atuais sobre Antropoceno.

Quando as florestas são destruídas, como o são em toda parte da América por obra de plantadores europeus, com uma precipitação imprudente, as fontes de água secam por completo ou se tornam menos abundantes. Os leitos dos rios, permanecendo secos durante parte do ano, são convertidos em torrentes toda vez que caem pesadas chuvas em suas cabeceiras. Desaparecendo a relva e o musgo juntamente com a vegetação rasteira nas encostas das montanhas, as águas da chuva não sofrem obstrução em seu curso; em vez de aumentarem lentamente o nível dos rios por meio de progressivas filtragens, durante as imensas chuvaradas as águas sulcam os declives das colinas, empurram para baixo o solo solto e formam as súbitas inundações que devastam o país (Humboldt apud Wulf, 2019, p. 97-98)

Seus insights prematuros e sua metodologia interdisciplinar, que integrava ciência, arte e política (evidente em obras como *Quadros da Natureza*, 1957), serve aqui como modelo para práticas artísticas engajadas que recusam dicotomias entre estética e conhecimento empírico.

E, por fim, mas não menos importante para esse estudo, as pesquisas de Philippe Descola, movem-se no sentido de desconstruir o mito ocidental da separação entre natureza e cultura. O seu ensaio *Outras naturezas, outras culturas* (2016),

convida-nos a considerar indígenas e não modernas — onde rios, montanhas e animais são sujeitos dotados de agência e participam da vida coletiva.

2. Ecosofia da criação: confluências entre estética e sustentabilidade planetária

No cenário das produções visuais contemporâneas, as fronteiras entre meio ambiente, cultura e prática artística são constantemente desafiadas e ressignificadas, exigindo novos arcabouços teóricos que transcendam dicotomias tradicionais. Esse estudo se propõe explorar justamente essas intersecções dinâmicas, mobilizando referências críticas que dialogam com perspectivas decoloniais, ecologias políticas e epistemologias não ocidentais. Ao fazê-lo, busca não apenas mapear tendências estéticas recentes, mas também reposicionar o papel da arte como agente de reflexão e transformação diante das crises ambientais e culturais do século XXI.

As referências selecionadas, as quais dedicamos esse estudo, ecoam com muitos outros pensadores como Arturo Escobar, Ailton Krenak, Donna Haraway, Bruno Latour, Eduardo Viveiros de Castro, Vladimir Vernadsky, por exemplo. Esse conjunto de vozes funcionam como pilares para desestabilizar noções arraigadas de “natureza” como entidade passiva, ou cenário para a ação humana. ampliam os debates para além do cânones eurocêntricos, introduzindo cosmovisões que integram espiritualidade, ancestralidade e ecossistemas.

Ao articular esses três autores a intenção é reforçar a urgência de uma práxis artística engajada com justiça ambiental e diversidade cultural. Pretendo que sua contribuição resida não apenas na síntese teórica proposta, mas na demonstração de como a atividade criativa opera como lugar de encontro — um espaço onde é possível repensar hierarquias, reativar saberes marginalizados e imaginar futuros possíveis em tempos de colapso. Assim, as referências não são apenas suportes analíticos: elas constituem um tecido vivo de ideias que convida o leitor a experimentar outras lógicas de percepção e coexistência.

3. As Três Ecologias de Guattari

Em *As Três Ecologias*, originalmente publicado em 1989, o filósofo e psicanalista francês Félix Guattari apresenta uma análise crítica e propositiva sobre a crise ecológica global, oferecendo uma perspectiva inovadora que transcende as preocupações ambientais. Ele propõe uma abordagem integrada e multidimensional, denominada "ecosofia", que articula três registros ecológicos interconectados: a ecologia ambiental, a ecologia social e a ecologia mental.

A mais de trinta anos atrás Guattari reconhece a gravidade da crise ecológica que, desde então, só tem se agravado, e identifica que a crise afeta não apenas o meio ambiente físico, mas também as relações sociais e a subjetividade humana. Ele observa que essa crise é resultado direto do que chama de Capitalismo Mundial Integrado (CMI), um sistema global que não só degrada o ambiente, mas também homogeneíza e serializa a subjetividade humana.

O autor propõe uma nova ética ecosófica, baseada na responsabilidade e no engajamento com as questões ecológicas em todos os níveis. Esta ética não se limita a prescrições comportamentais, mas implica uma reorientação fundamental de valores e práticas sociais.

A originalidade da proposta de Guattari reside na sua insistência de que as questões ambientais não podem ser tratadas isoladamente das dimensões sociais e psíquicas. Ele critica as abordagens reducionistas e tecnocráticas, argumentando que soluções puramente técnicas ou científicas são insuficientes para enfrentar a complexidade da crise ecológica atual.

A ecosofia é fundamentada na ideia de que a subjetividade é produzida por uma multiplicidade de fatores, incluindo mídia, tecnologia e instituições sociais. Ele defende a necessidade de "ressingularizar" a subjetividade, contrapondo-se à tendência homogeneizante do CMI. Nesse sentido, enfatiza a importância das *micropolíticas e práticas moleculares*, isto é, ações locais e individuais que podem promover mudanças significativas nos três registros ecológicos.

Um conceito central do texto é o de "transversalidade", que Guattari utiliza para descrever a necessidade de pensar e agir através de diferentes domínios e escalas. Ele argumenta que as soluções para os problemas ecológicos devem atravessar fronteiras disciplinares, institucionais e culturais.

Uma das contribuições mais significativas de *As Três Ecologias* é a sua crítica ao que Guattari chama de "cientificismo redutor". Ele argumenta que a complexidade

dos problemas ecológicos exige abordagens que vão além dos paradigmas científicos tradicionais, incorporando perspectivas filosóficas, artísticas e políticas.

Guattari destaca o papel crucial da criatividade e da arte na promoção de mudanças ecosóficas. Ele vê nas práticas estéticas um potencial transformador capaz de catalisar novas formas de subjetividade e relações sociais. Esta ênfase na dimensão estética distingue a abordagem de Guattari de outras teorias ecológicas mais convencionais.

Sua obra é particularmente relevante no contexto atual em que as interconexões entre crises ambientais, sociais e psicológicas se tornam cada vez mais evidentes. Sua insistência na necessidade de uma revolução política, social e cultural para enfrentar os desafios ecológicos ressoa com movimentos contemporâneos que buscam transformações sistêmicas. Ele argumenta que a arte tem um papel crucial na promoção da subjetividade, essencial para enfrentar os desafios ecológicos contemporâneos.

As *Três Ecologias*, uma obra essencial no pensamento ecológico contemporâneo por sua abordagem holística e ênfase na interconexão entre o ambiental, o social e o mental, oferece um quadro teórico valioso para repensar as relações com o mundo em um momento de crise ecológica global. A visão de Guattari continua a inspirar artistas, pensadores e ativistas, fornecendo uma base conceitual para abordagens integradas e transformadoras dos desafios ecológicos do século XXI.

A ecologia ambiental, conforme Guattari, não se limita apenas à proteção do meio ambiente, mas envolve uma reconfiguração das relações entre os seres humanos e o meio ambiente. No âmbito da ecologia social, podemos interrogar a potência da arte em questionar e desafiar as normas sociais estabelecidas, promovendo a inclusão e a diversidade. Guattari destaca a necessidade de reinventar as relações sociais, e podemos perguntar, — como pode a arte ser uma ferramenta nesse processo?

Produções visuais que abordam a ecossistemas, incorporam elementos naturais, que utilizam materiais reciclados, por exemplo, podem sensibilizar o público para a importância da sustentabilidade e da preservação ambiental? Como a arte pode incentivar a conscientização sobre a interdependência entre o homem e meio ambiente, estimulando uma reflexão crítica sobre o impacto de suas ações no planeta? Questões sociais, como a desigualdade, o racismo e os direitos humanos,

abordadas através da arte, podem estimular o diálogo e a empatia, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa? É possível criar espaços de resistência e de transformação social através de produções artísticas em que novas formas de convivência e solidariedade são exploradas e promovidas?

A ecologia mental, que se refere à subjetividade e à saúde mental, encontra na arte um território fértil para a exploração e expressão do eu interior. Guattari sugere que a subjetividade é moldada por uma complexa rede de influências sociais, culturais e ambientais. A práxis estética atua como um meio de expressão pessoal e interpessoal, permitindo que os indivíduos explorem e articulem suas emoções e pensamentos mais profundos. Ao desafiar percepções e estimular a criatividade, a arte contribui para o desenvolvimento de uma subjetividade mais rica e diversificada. Assim, entendo, as manifestações artísticas que tratam questões referentes a ecologia, abordando direta e indiretamente os desequilíbrios climáticos que eclodem pelos quatro cantos do planeta, têm afinidades com os três registros ecológicos assinalados por Guattari no conceito de ecosofia. Ao integrar problemas ambientais e sociais, as produções visuais agindo diretamente sobre a percepção e os sentidos, podem inspirar novas formas de pensar e agir, essenciais para a construção de um futuro mais sustentável. Coloco fé na potência da práxis artística, quando genuína e comprometida, em contribuir para cultivar uma ecologia da mente, do corpo e do espírito promovendo uma ressingularização, vital para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo.

4. A Natureza como teia interconectada

A segunda referência que aproximo para repensar as relações entre arte, natureza e cultura em nosso tempo conduz revisitar a biografia de um cientista que não mediou esforços e, com os recursos de sua época, suas pesquisas anteviram e alertaram sobre os desdobramentos que se enfrenta hoje em relação às perturbações climáticas. Me refiro Alexander von Humboldt (1769-1859) o explorador e cientista alemão nascido em uma importante família Pomeriana⁴ teve uma educação rigorosa

⁴ Região histórica e geográfica situada no norte da Polônia e da Alemanha na costa sul do mar Báltico.

e multidisciplinar⁵ que influenciou na sua postura intelectual e produção científica, como por exemplo, a crítica ao colonialismo europeu nas Américas – influência direta dos ideais iluministas assimilados na juventude, e a prática e defesa da cooperação científica internacional – reflexo da rede intelectual que construiu durante seus estudos em Göttingen e viagens pela Europa. Também como exemplo dessa herança educacional inclui-se o uso de ilustrações científicas detalhadas em seus livros – técnica aprendida com Georg Forster.

Em 1799, Humboldt embarcou em uma expedição de pesquisa pela América Latina, expedição essa que se tornou um marco em sua carreira e teve um impacto duradouro na ciência e no pensamento ambiental do século XIX.

Durante sua viagem pela América de 1799 a 1804, muito precocemente, Humboldt já havia feito observações sobre o clima e constatado perturbações nos ecossistemas devido aos desmatamentos das florestas para dar lugar a grandes plantações. Acompanhado pelo botânico francês Aimé Bonpland, Humboldt viajou por territórios que hoje pertencem a países como Venezuela, Cuba, Colômbia, Equador, Peru, México, e até partes dos Estados Unidos. Durante a viagem, coletou vasta quantidade de dados científicos, observando e documentando tudo, desde a flora e

⁵ Friedrich Wilhelm Heinrich Alexander von Humboldt (1769–1859) teve uma educação marcada pela interdisciplinaridade desde a infância. Nascido em uma família prussiana aristocrática, recebeu tutoria privada rigorosa durante seus primeiros anos. Seus tutores – como o linguista Joachim Heinrich Campe e o cientista Gottlob Johann Christian Kunth – introduziram-no a línguas clássicas (latim e grego), matemática e ciências naturais, além de filosofia iluminista. Essa base não formal foi complementada por viagens educativas pela Europa, onde observou ecossistemas alpinos e colecionou espécimes botânicos ainda adolescente. Na juventude, Humboldt frequentou a Universidade de Frankfurt (1787–1789) para estudar economia, mas transferiu-se para a Universidade de Göttingen (1789–1790), então um centro científico pioneiro. Lá aprofundou-se em física experimental com Georg Christoph Lichtenberg e em botânica com Johann Friedrich Blumenbach. Posteriormente, especializou-se em geologia na Academia de Minas de Freiberg (1791–1792), sob orientação de Abraham Gottlob Werner, cujas teorias neptunistas (sobre a origem aquática das rochas) influenciaram sua abordagem geológica inicial. Suas influências intelectuais mais decisivas vieram do naturalista Georg Forster – companheiro de James Cook na segunda circum-navegação global – que o ensinou a integrar dados empíricos com narrativas literárias vibrantes. Outros mentores incluem o anatomista Samuel Thomas von Sömmerring e o químico Antoine Lavoisier, cujos métodos quantitativos ele adotou em suas pesquisas climáticas e geográficas. Essa formação eclética permitiu que Humboldt realizasse contribuições revolucionárias durante sua expedição às Américas (1799–1804). Seus estudos em mineração facilitaram análises geológicas detalhadas dos Andes; seu conhecimento botânico sustentou a catalogação de milhares de espécies; e sua familiaridade com instrumentos científicos (como barômetros e sextantes) possibilitou medições precisas de altitude e temperatura. A obra *Viagem às Regiões Equinociais do Novo Continente* (1807–1834) sintetiza essa integração entre empirismo e reflexão teórica. Sua principal teoria – a ideia da natureza como uma teia interconectada – emergiu diretamente dessa formação multidisciplinar. Em *Kosmos* (1845–1862), combinou dados geológicos, meteorológicos e biológicos para defender a unidade do cosmos, um conceito radical para sua época. Seus mapas isotérmicos (que relacionavam clima e latitude) e estudos sobre desertificação antropogênica na América do Sul também refletiam sua habilidade de cruzar fronteiras disciplinares.

fauna até as condições climáticas e geológicas e, de retorno à ao continente europeu, divulgou os conhecimentos adquiridos entre os intelectuais e pesquisadores, e em inúmeros livros ricamente ilustrados, que expunham suas teorias inovadoras na época. Com razão é considerado o pai do movimento ambientalista devido à sua abordagem holística e interdisciplinar do meio ambiente que destacou a interconexão e interdependência dos ecossistemas do mundo.

Durante a expedição pela América, Humboldt desenvolveu uma compreensão profunda da natureza como um sistema interconectado no qual todos os elementos — plantas, animais, clima, geologia — estão interligados. Ele observou os impactos das atividades humanas sobre o ambiente, como o desmatamento e a mineração, e alertou sobre as consequências negativas dessas ações para o equilíbrio natural. Humboldt percebeu que a destruição dos ecossistemas poderia ter efeitos catastróficos não apenas para o ambiente imediato, mas para o clima e as condições de vida em uma escala muito mais ampla.

Suas contribuições foram de alto impacto e repercutem até hoje como por exemplo:

1. Conceito de Ecossistema: Humboldt foi um dos primeiros a descrever a natureza como um conjunto de ecossistemas interligados. Ele observou como as mudanças em um elemento de um meio ambiente poderia afetar muitos outros, uma ideia que é fundamental para a ecologia moderna.

2. Biogeografia: Humboldt estabeleceu as bases para a biogeografia ao observar padrões na distribuição de plantas e relacioná-los a fatores ambientais como altitude, temperatura e umidade. Seu trabalho sobre as zonas de vegetação ao longo das encostas dos Andes é particularmente notável.

3. Climatologia: Humboldt foi pioneiro no estudo do clima em uma escala global, ele reuniu e analisou dados climáticos de várias partes do mundo, contribuindo para a compreensão de fenômenos climáticos e a influência do clima na distribuição de plantas.

4. Consciência Ambiental: Humboldt alertou sobre os perigos da ação humana no ambiente, criticando o desmatamento, a irrigação excessiva e outras práticas que considerava prejudiciais ao equilíbrio natural. Essas preocupações são vistas como precursoras do movimento ambientalista contemporâneo.

Sua visão de mundo e suas pesquisas foram fundamentais para o desenvolvimento de várias disciplinas científicas, incluindo a ecologia, a geografia

física e a climatologia, além de influenciar profundamente o pensamento ambientalista moderno. Humboldt legou não apenas descobertas específicas, mas um novo paradigma científico: a ciência como diálogo entre disciplinas e culturas – princípio que moldaria figuras como Darwin e Marx no século XIX. Ele alertou sobre os perigos do impacto humano no ambiente muito antes de o conceito de mudança climática entrar em nosso vocabulário. Suas observações prefiguram os desafios que enfrentamos hoje, com a humanidade ainda lutando para equilibrar o desenvolvimento com a sustentabilidade.

O legado de Humboldt, vasto e multifacetado, ficou registrado nos inúmeros livros que publicou. Seus escritos influenciaram não apenas cientistas, mas também escritores, poetas e pensadores, incluindo nomes como Charles Darwin, Henry David Thoreau, John Muir e Simon Bolívar. Humboldt defendia uma visão integrada do mundo, onde a ciência e a arte poderiam se unir na apreciação e compreensão do meio ambiente. Seu trabalho *Cosmos*, originalmente publicado em 1845, é uma tentativa de unificar diversos campos do conhecimento em uma compreensão holística do universo, reflete essa visão.

A uma distância de mais de dois séculos das experiências de Alexander von Humboldt na América, os desafios climáticos da atualidade já se delineavam na época de colonização da América Latina como constatamos em *A Invenção da Natureza* (Wulf, 2015), a fascinante biografia de Humboldt que coloca em evidência sua visão antecipada, profética, o espírito agudo na observação dos fenômenos, a sagacidade científica, e o espírito aventureiro e curiosidade inata. Considerado o pai do movimento ambientalista não apenas por suas contribuições científicas, mas também por sua capacidade de perceber a beleza da natureza, sua complexidade e a importância de preservá-la. Seu entendimento de que a humanidade e o meio ambiente estão profundamente interligados é uma mensagem que ressoa até hoje nos esforços de conservação e sustentabilidade.

As aventuras de Humboldt na América do início do século XIX, compartilham um núcleo comum de preocupações sobre a relação entre a humanidade e a natureza e expõem o modo de funcionamento do humano em relação ao planeta e os outros seres. Daí a importância de investir na reorientação dos valores e práticas sociais, e a necessidade de "ressingularizar" a subjetividade, como salienta Guattari, contrapondo-se à tendência homogeneizante do sistema capitalista e da mundialização para promover a superação da visão instrumental da natureza.

5. Outras Naturezas, Outras Culturas

A obra *Outras Naturezas, Outras Culturas* do antropólogo Philippe Descola (2016), apresenta, no meu entender, outra uma contribuição fundamental para o entendimento das relações entre humanos e meio ambiente. Em sua vivência, durante cinco anos, com a comunidade indígena achuar na Amazônia equatoriana, Descola mergulhou em um universo cultural que desafiava as concepções ocidentais tradicionais sobre natureza e cultura. Sua pesquisa etnográfica detalhada oferece *insights* valiosos sobre como os achuar percebem e interagem com o mundo ao seu redor, revelando a complexidade e a profundidade de suas relações com a floresta e seus habitantes.

Ele observou, por exemplo, que essa comunidade possui uma visão de mundo que não separa os elementos naturais dos sociais. Para os achuar, a floresta não é um recurso a ser explorado, mas um conjunto de seres inter-relacionados, incluindo plantas, animais, espíritos e humanos, todos dotados de intencionalidade e poder de agência. Essa visão animista pressupõe que todos os seres possuem uma forma de subjetividade, criando uma rede complexa de relações que desafia as divisões ocidentais entre natureza e cultura.

Descola identificou, por exemplo, que os achuar praticam uma forma de viver que ele descreve como "ecologia do sujeito", onde o respeito e a reciprocidade são fundamentais para a interação entre os seres. A caça não é vista apenas como um meio de subsistência, mas como uma prática que envolve negociações com os espíritos dos animais. Esses espíritos são considerados parceiros com os quais se deve manter um equilíbrio harmônico, garantindo a continuidade da vida.

Uma das principais conclusões de Descola é que a visão de mundo dos achuar oferece uma alternativa viável às concepções antropocêntricas e utilitaristas predominantes nas sociedades ocidentais. Ele argumenta que a separação entre natureza e cultura não é universal, é uma construção cultural específica do Ocidente, e que pode ser repensada através do estudo de outras culturas, como a das tribos de povos originários da América Latina.

Ao documentar a cosmovisão achuar e de outros povos originários, ele desafia a perspectiva dominante que vê a natureza como um objeto inerte a ser dominado e explorado, propondo, em vez disso, um modelo onde a interação e a comunicação entre seres são centrais. Ele destaca a importância de reconhecer a

diversidade das ontologias, ou maneiras de ser, como uma forma de enriquecer nosso entendimento sobre o mundo. A relevância de *Outras Naturezas, Outras Culturas* transcende a antropologia, oferecendo reflexões profundas para enfrentar os desafios contemporâneos. Ao evidenciar que outras formas de relacionamento com o meio ambiente são possíveis, Descola nos convida a reconsiderar nossas práticas e valores em relação ao meio ambiente. Sua obra sugere que a crise ecológica atual é, em parte, resultado da concepção ocidental que separa e hierarquiza natureza e cultura, promovendo a exploração desenfreada dos recursos naturais.

Descola propõe que a solução para os problemas ambientais globais pode passar pelo reconhecimento e pela incorporação de outras formas de conhecimento e de interação com o mundo, como aquelas praticadas pelos achuar.

Outras Naturezas, Outras Culturas traz história peculiares e fascinantes sobre maneiras de conceber a relação dos humanos com os animais e as plantas. Por exemplo, ele relata que os achuar levantam muito cedo e pouco antes do amanhecer eles se reunem em volta de uma fogueira para decidir o que fariam durante o dia em função do que haviam sonhado à noite e, na maioria das vezes, interpretavam os sonhos segundo regras simples baseadas na inversão entre a imagem sonhada e a interpretação, por exemplo, sonhar que pescavam um peixe era um bom sinal para ir à caça e ao contrário, sonhar que matavam um caititu era um bom sinal para ir à pesca (Descola, 2016, p.11-12).

Para os achuar a maior parte das plantas e animais são humanos como nós e nos sonhos podemos vê-los sem suas fantasias de animais ou vegetais, ou seja, como humanos. “Possuem alma análoga à dos humanos, que lhes permite pensar, raciocinar, ter sentimentos, comunicar-se à maneira dos humanos e fazer com que vejam a si mesmos como humanos, apesar da aparência animal ou vegetal” (Descola, 2016, p. 13).

Os exemplos são inúmeros e surpreendentes na visão eurocentrista; outro exemplo, o caso dos aborígenes australianos que embora divididos em centenas de tribos que falam línguas diferentes, têm em comum o fato de se organizar segundo um sistema de grupos totêmicos, cujas regras de composição são idênticas em todas as tribos. Um “grupo totêmico” (Descola, 2016, p.18-19) é um conjunto de mulheres, homens, animais e plantas que pertencem a mesma espécie, o que nos parece estranho, observa Descola, pois seus corpos são muito diferentes entre si. Essas qualidades são definidas de maneira abstrata de modo a ser aplicada a todos os

membros da classe totêmica, sejam humanos ou não humanos e caracterizam, por exemplo, o comportamento mais lento ou ativo, mais empreendedores ou indolentes, o temperamento mais alegre ou melancólico, mais colérico que calmo além de características definidoras da forma, consistência e cor. Dessa maneira, a distinção entre o que seria natural e o que seria cultural não faz sentido para os aborígenes australianos.

No ambiente cultural em que estamos imersos, a cultura é o que diferencia os humanos do meio ambiente em que está mergulhado, e produz um sentimento de exterioridade e superioridade ao mundo que o cerca. Ao se sentir diferente e se extrair do mundo por um movimento de recuo, o homem passa a perceber este mundo como um todo diferente de nós mesmos e, segundo Descartes, “o homem se faz mestre e senhor da natureza”, em Discurso do Método (1637), resultando desse pensamento um extraordinário desenvolvimento das ciências e das técnicas mas trazendo a rebote uma desenfreada exploração de tudo o que não tem ligação com o humano: plantas animais, terras, minerais, águas, tudo convertido em meros recursos que podemos usar e dos quais se pode tirar proveito.

Ao reimaginar nossas relações com a biosfera através da lente da reciprocidade e do respeito, podemos encontrar caminhos mais sustentáveis e éticos para conviver com o planeta.

A obra de Philippe Descola oferece uma perspectiva inovadora e necessária para repensar as relações com a meio ambiente, destacando a importância de integrar visões de mundo diversas para construir um futuro mais equilibrado e sustentável. O entendimento e valorização de práticas culturais como as dos achuar, encorajam buscar soluções mais holísticas e inclusivas para os desafios ambientais que enfrentamos hoje.

Conclusão: Revisar valores à luz das emergências climáticas

A contemporaneidade exige uma revisão profunda de nossos valores civilizatórios à luz das emergências climáticas. Ao longo do texto, exploramos as contribuições de Félix Guattari, Alexander von Humboldt e Philippe Descola, cujas obras oferecem um arcabouço teórico plural e radical para repensar as relações entre arte com o meio ambiente.

O entrecruzamento de referências filosófica (Guattari), histórico-científica (Humboldt) e antropológica (Descola), encorajam o sentimento de que a atividade criativa pode explorar possibilidades além da contemplação passiva ou da crítica pontual. Ela pode ser um campo experimental para redefinir valores civilizatórios à luz das emergências climáticas. Nessas condições, a práxis artística emerge como um campo experimental crucial para essa redefinição é porque opera como um lugar de encontro onde é possível repensar hierarquias, reativar saberes marginalizados e imaginar futuros possíveis em tempos de colapso.

Se Guattari aponta para a necessidade de transformações sistêmicas nas esferas material e psíquica, Humboldt lembra-nos da longa duração dos impactos humanos na Terra, e Descola abre espaço para epistemologias marginalizadas que reinventam o possível. Juntos eles formam um arcabouço teórico radicalmente plural — tão diverso quanto os ecossistemas que urge preservar — indicando que repensar a arte é também repensar mundos.

Referências

- DESCOLA, Philippe. **Outras Naturezas, Outras Culturas.** Tradução de Cecília Ciscato. São Paulo: Editora 34, 2016.
- GUATTARI, Felix. **As Três Ecologias.** São Paulo: Papirus, 1989.
- HUMBOLDT, Alexander Von. **Quadros da Natureza.** Ed. Jakson, 1957.
- KRAJCBERG. **Frans Krajcberg: Un Artiste Emblematique du XXè Siècle.** Disponível em: <https://bit.ly/4b1c8Kh>. Acesso em: 16 set. 2024.
- SARACENO, Tomás. (n.d.). **Tomás Saraceno Official Website.** <https://bit.ly/415IJKs>. Acesso em: 9 fev., 2025.
- VERNADSKY, Vladimir. **Biosfera.** Tradução Graziela Schneider Urso e Frederico Américo. Rio de Janeiro: Dantes Ed., 2019.
- WULF, Andrea. **A Invenção da Natureza- A Vida e as Descobertas de Alexander Von Humboldt.** Tradução Renato Marques. Rio de Janeiro: Ed. Crítica, 2ª edição. 2019.

Sobre a autora

Sandra Rey é artista plástica, tem doutorado em Arte e Ciências da Arte, menção Artes Plásticas, pela Universidade de Paris I-Panthéon Sorbonne (1993). Pós-doutorado, pesquisa em fotografia/arte contemporânea na Universidade de Paris 8 (2002-03) em colaboração com François Soulages. Professora Titular do Departamento de Artes Visuais da UFRGS, aposentada em 2017. Atua como docente no quadro de professores permanente do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da UFRGS, desde 1994 onde atualmente é professora convidada atuando como orientadora mestrado e doutorado na área de Poéticas Visuais. Professora visitante junto ao Programa de Pós-graduação em

Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria UFSM (2017-19). Coordena o grupo de pesquisas Processos Híbridos na Arte Contemporânea com diretório no CNPq desde 2005. Associada à ANPAP – Associação Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas desde 1994, foi membro do Conselho Deliberativo de Poéticas Artísticas – ANPAP (2005-2011). Associada à AICA, Associação Internacional de Críticos de Arte, França, desde 2014. Associada à ABCA, Associação Brasileira de Críticos de Arte, Brasil, desde 2012.

sandratzrey@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1304040199380156>

ORCID <https://orcid.org/0000-0003-4907-9373>

[Nota da editoria: Gostaríamos de agradecer, em especial, à autora que gentilmente aceitou o convite para contribuir com suas reflexões nesta edição.]

Como citar

REY, Sandra. Ecologias da Sensibilidade, ou a função crítica da arte diante da crise climática, Uberlândia, v. 6 n. 1, n.p.. 1º Semestre de 2025. <https://doi.org/10.14393/EdA-v6-n1-2025-77121> (versão ahead of print)



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.